

A ARTICULAÇÃO ENTRE SUBSÍDIOS TEÓRICOS E A PRÁTICA DA TRADUÇÃO: IMPLICAÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO TRADUTOR

Leila Cristina de Mello DARIN¹ (PUC-SP)

RESUMO: Teoria e prática são visões complementares de um objeto, que focalizam diferentes aspectos de tal objeto a partir de métodos e objetivos próprios. No presente artigo, discutimos a relação entre a teoria e a prática da tradução com base no argumento de que um curso de graduação voltado para a formação de tradutores oferece as condições necessárias para a integração entre conhecimentos teóricos e práticos. Acreditamos que os egressos desses cursos, ao beneficiar-se dos avanços na área de Estudos da Tradução, contribuem, com sua prática diferenciada, para a qualidade das traduções que realizam profissionalmente.

ABSTRACT: Theory and practice are complementary approaches that focus different aspects of an object by means of specific methods and aims. In this paper, the relation between theory and practice of translation is discussed on the basis of the assumption that an undergraduate course designed to train translators provides the required conditions for the integration of theoretical and practical knowledge. It is argued that translators who have received training in translation and who have profited from insights and findings in the area of Translation Studies will eventually apply those concepts to their own professional practice.

1. Introdução

A articulação entre teoria e prática em muitas áreas de conhecimento tem sido prejudicada por generalizações e imagens estereotipadas sobre a natureza de cada um dessas duas perspectivas. Grosso modo temos, de um lado, a imagem dos teóricos debruçados sobre livros e textos, que, como arquitetos do pensamento examinam pressupostos, observam os fenômenos sob diferentes óticas e tecem densos e bem fundamentados argumentos que visam analisar, descrever, explicar, prever, historiar, comparar, relacionar, enfim, atribuir sentido e ampliar o entendimento de práticas, fatos, atividades, experiências. Do outro lado, estão os profissionais que, munidos de seus instrumentos e conhecimentos aplicados, fazem o mundo girar e dominam a arte de pôr a mão na massa; sentem-se potentes e independentes, pilotos das engrenagens que movem a vida cotidiana – pessoal e coletiva.

Tal representação caricaturesca é fruto de uma visão simplista, que descaracteriza o elo entre teoria e prática, o qual passa a ser de oposição e não de aliança, de exclusão e não de complementaridade. Ora, sabemos que ambas têm suas especificidades, mas não se pode esquecer o quanto estão interligadas.

Em todas as áreas da vida social, a prática antecede a teoria. Ela surge da necessidade premente de encontrar soluções seja para a busca de alimentos e de abrigo ou para curas de doenças, seja para viabilizar a comunicação entre indivíduos e grupos; ela emerge de uma demanda concreta da vida social que, com frequência, precisa ser atendida de forma eficiente e imediata, por meio de decisões e ações sujeitas à pressão das circunstâncias em que se encontra tal demanda.

A teoria obedece a outros critérios de tempo, tem um olhar mais detido e pausado sobre os fenômenos; ela analisa, segmenta, organiza, classifica, observa padrões e relaciona diferentes campos do saber. Ela utiliza o material que a prática fornece e reflete sobre ele para contextualizá-lo, tentar entendê-lo, dar a ele um sentido que transcenda a atividade em si. Assim, a prática passa a ser mais bem compreendida tanto por leigos como pelos próprios praticantes ou profissionais que passam a ver sua atuação no mundo com olhos mais críticos, pois reconhecem no discurso teórico aspectos do seu fazer que são, em geral, tomados como pressupostos.

Teoria e prática são diferentes visões de um objeto, olhares interdependentes. Então, por que haveria dificuldade em articular esses pontos de vista?

Como dissemos, um dos problemas são as generalizações que se faz das duas funções: uns pensam, os outros fazem. Essa divisão é incorreta e ofende a ambos, pois, evidentemente, resguardadas as ênfases, todos pensam e fazem.

¹ E-mail para contato: ldarin@uol.com.br

2. Qual o lugar da teoria da tradução?

Lamentavelmente, a relação entre teoria e prática ainda é marcada por visões distorcidas que até hoje dão seus lampejos de vida também na área de tradução entre línguas, tema que aqui nos interessa examinar. Talvez por questões de defesa de território, poder ou tradição, persista uma certa polarização entre reflexão teórica e conhecimento prático na tradução, que poderia ser sintetizada na seguinte expressão: Traduzir se aprende traduzindo (quem entende de tradução e pode falar sobre ela é quem traduz) *versus* A teoria é a sustentação da prática (ela é superior, pertence à esfera intelectual e, sem ela, a prática se reduz a um mero fazer, excetuando-se alguns tipos de tradução mais “elevadas”, como a literária). A tendência parece ser a de favorecer ora a teoria, ora a prática, como merecedora de valor ou “dona da verdade”.

A dificuldade de diálogo entre teoria e prática pode também ser compreendida à luz da história: a prática da tradução no Brasil tem cinco séculos e a primeira reflexão teórica tem 54 anos (*Escola de tradutores*, Paulo Rónai, 1952, seguida por *A arte de traduzir*, Brenno Silveira, 1954), sendo que o primeiro curso universitário voltado para a formação de tradutores só foi criado em 1970, portanto 36 anos atrás. É compreensível que os tradutores profissionais, que aprenderam a traduzir sozinhos, sem uma preparação específica que os orientasse, olhassem com desconfiança para os jovens egressos das universidades -- as quais para eles eram pólos distantes da realidade diária do trabalho do tradutor, da rotina profissional que conheciam tão bem. Nesse contexto, toda a arquitetura teórica, com seus argumentos e suas problematizações, parecia sem importância para os tradutores experientes. Para alguns, essa visão ainda hoje se sustenta.

Os cursos universitários, por sua vez, reuniram em seu currículo disciplinas de fundamentação teórica, a partir de enfoques das Ciências Humanas, dentre elas Filosofia, Linguística, Semântica, Cultura, Literatura, Leitura e Tradução. Procurando contemplar tanto a formação teórica como a prática, a graduação em tradução visava (e visa) preparar o estudante para o futuro ingresso no mercado, proporcionando a oportunidade de integrar diversos conhecimentos. A despeito de quaisquer críticas que se possa fazer, acredito não se pode negar o benefício que a graduação representou ao agregar estudiosos e estudantes em torno de um campo que carecia tanto de organização, união e espaço para crescer e consolidar-se como área de estudos. Como professora de curso de Prática de Tradução no ensino superior, não posso deixar de expressar minha convicção na importância da vida acadêmica para que teoria e prática se irriguem mutuamente. Afinal, a universidade é geradora de estudos de caráter teórico-prático, como monografias, dissertações, teses e de produção científica como artigos, palestras, eventos. Sua responsabilidade é contribuir para o conjunto da sociedade oferecendo aprimoramento tanto do ponto de vista humano como de capacitação profissional.

A respeito da contribuição da teoria para a formação de tradutores é muito oportuna para nossa discussão é a seleção de entrevistas publicada pela Editora Parábola com o título de “Conversas com tradutores” (2003). Como resposta à terceira pergunta “qual a função da teoria da tradução na formação do tradutor?”, muitos tradutores afirmam valorizar o conhecimento teórico; alguns parecem confundir a teoria com conhecimentos de língua portuguesa ou método de trabalho e outros ainda não consideram a teoria importante (justamente aqueles que aprenderam autonomamente ou que estão distantes da academia²).

Ao responder a essa pergunta, Lia Wyler, tradutora literária e pesquisadora em historiografia da tradução no Brasil, conclui o seguinte: “o tradutor profissional não tem se interessado muito por teorias e o graduado em tradução não tem encontrado no mercado muita receptividade para o que estudou”. (2003, p. 196) Esta afirmação merece ser comentada.

Em primeiro lugar, não existem dados ou avaliação sobre o impacto da formação dos graduados em tradução sobre as traduções que elaboram profissionalmente. Esse seria um tema interessante de pesquisa: Como a reflexão teórica lida e debatida nos cursos de graduação em tradução alia-se à prática no ambiente acadêmico? Como essa aliança transparece no ambiente profissional? Em outras palavras, a teoria da tradução está trazendo benefícios para as traduções realizadas por tradutores diplomados nos diversos segmentos de mercado em que atuam?

Outro ponto importante é que cada vez mais o mercado de tradução acolhe não só egressos de cursos de graduação como contrata estagiários em empresas, escritórios, agências. Isso significa que, há hoje uma

² Vale ressaltar que dentre os tradutores que não cursaram graduação ou especialização na área, segundo contatos pessoais e depoimentos publicados em jornais e *sites*, há muitos que, a despeito de sua boa colocação no mercado, afirmam que gostariam de ter cursado (ou estariam dispostos a cursar) programas específicos que permitissem partilhar experiências e fornecer subsídios teóricos.

maior receptividade do mercado e, segundo posso afirmar com base em minha experiência como docente de tradução, há mesmo preferência por aqueles que tenham recebido uma formação específica em tradução. A valorização e reconhecimento dessa formação é muito benéfica para os dois lados: para o graduado que colhe os frutos de seus estudos e tem perspectivas de crescimento profissional e para o mercado, que tem à disposição jovens preparados para ingressar na carreira e aprimorar-se. Partindo do princípio de que esses jovens lêem e discutem textos teóricos sobre temas ligados à tradução, e realizam traduções sob orientação de professores que são pesquisadores da área, podemos supor, a despeito da falta de dados, que a formação universitária tem contribuído significativamente e positivamente para o trabalho dos graduados em tradução inseridos no mercado.

Além disso, uma possível fonte de intercâmbio entre conceitos teóricos e a prática são os congressos e eventos na área de Estudos da Tradução e da Interpretação, de iniciativa de instituições de ensino superior. Palestras, simpósios e mesas-redondas põem em foco idéias e questionamentos oriundos de teorias da linguagem e da tradução e contam com a participação também de tradutores que não tiveram formação específica em tradução. Essa é, sem dúvida, uma oportunidade de colocar teoria e prática em diálogo e fomentar o espírito crítico de todos os participantes.

3. Formação teórico-prática

Minha experiência como docente de Prática de Tradução na graduação e como pesquisadora do ensino-aprendizagem da tradução mostra claramente que as crenças e os valores do professor sobre sua área de conhecimento, sejam eles explicitados ou não, funcionam em grande medida como normas e pontos de referência para os estudantes. Isto equivale a dizer que, independentemente da disciplina que ministre, o professor transmite seus princípios teóricos quer de forma implícita, por meio de comentários, julgamentos de valor, atribuições e imagens, ou diretamente, fazendo referência a teóricos e textos. É evidente, portanto, a necessidade de o educador estar informado sobre estudos, tendências e práticas para procurar fazer relações e fomentar o diálogo entre diversos aspectos do conhecimento. Sem a consciência de suas próprias concepções e contradições, o professor poderá corroborar estereótipos ou apresentar um quadro confuso e pouco elaborado da área e da profissão.

As disciplinas especificamente voltadas para a formação de tradutores são todas, a meu ver, de natureza teórico-prática. Uma discussão envolvendo tradução literária não pode prescindir de critérios claros que guiem as decisões sobre quais aspectos serão priorizados e qual o tipo de linguagem mais apropriada, pressupondo um conceito de tradução e da relação entre texto de partida (autor) e de chegada (tradutor). Da mesma forma, a tradução de um texto jornalístico de economia ou meio ambiente supõe critérios e crenças sobre o traduzir, implicando noções como as de interpretação, visibilidade e intervenção. Ainda que o professor não exija a leitura e debate de fontes teóricas em aulas práticas, mencioná-las ou destacar citações é um procedimento pedagógico de grande valia, pois auxilia o estudante a fazer associações e relações.

A história da tradução dá testemunho da complexidade de visões complementares e conflitantes sobre o processo de traduzir. Muito apropriadamente, ela discerne entre as diferentes concepções do papel do tradutor ao longo dos tempos, as quais ora enfatizam imagens servis ao autor, a quem se deve máxima fidelidade devido à natural superioridade da escrita original sobre a reescrita tradutória, ora reforçam imagens positivas do tradutor como aquele que traz luz e sobrevida ao texto de partida, ou como um sábio profeta, conforme insistiam os alemães do fim do século XVIII. De alguma forma, todas as representações atribuídas aos tradutores desde Cícero, supostamente autor da primeira reflexão sobre a tradução que conhecemos no Ocidente (*De optimo genere oratorum*, 41 a.C., *apud* Albir, 2001, p.105) -- passando por enfoques filosóficos, lingüísticos, textuais, cognitivos, estruturalistas, pós-estruturalistas, pragmáticos, pós-colonialistas --, influem na percepção que hoje temos do tradutor e de sua função.

A convivência nem sempre pacífica dessas múltiplas formas de entender a tradução é o horizonte teórico com base no qual hoje se constitui nossa forma de discorrer e pensar sobre o ato tradutório. A consciência da heterogeneidade de vozes, imagens e estereótipos que concorrem para impor uma forma de definir tradução é vital quando se tem por meta integrar teoria e prática e será possível na medida em que diferentes educadores constituírem seu conjunto próprio de conceitos, indicando fontes e preferências. Isto quer dizer que os critérios para escolha dos teóricos, ou pensadores convidados para instigar a reflexão sobre a prática tradutória, serão pessoais. Acredito firmemente que qualquer ponto de partida é válido quando há critérios e convicção e quando a prioridade é desenvolver o senso crítico.

Pode-se começar com uma definição de foco lingüístico, como a de Vinay e Darbelnet (1958) segundo a qual traduzir é “passar de uma língua A para uma língua B para expressar a mesma realidade” (*apud* Albir, 2001, p. 37) ou pode-se partir da afirmação de Gavronsky que define o tradutor como “canibal agressivo que

se apodera do 'original', que saboreia o texto, isto é, que de fato alimenta-se das palavras, que as devora e que, depois disso, anuncia-as em sua própria língua, tendo assim se libertado explicitamente do criador 'original'" (*apud* Chamberlain, tradução de Viscardi, 1998, p. 42). Não importa o ângulo de análise, mas a criticidade e a coerência com que as idéias são trabalhadas, levando em conta sua relevância para a formação do futuro tradutor.

4. Ilustrar é preciso

Tomando como base as aulas de Prática de Tradução ou Tradução Comentada, nas quais há maior liberdade de selecionar aportes teóricos que sejam pertinentes à discussão da tradução em questão, caberá ao professor realizar o trabalho criativo de leitura e pesquisa que aproximará idéias e autores. Um determinado autor pode ser usado como referência a partir da qual outros são convocados, seja para sustentar suas idéias, questioná-las ou refutá-las, seja para expandi-las. O importante é não manter distanciadas a teoria e a prática, procurando motivar o estudante a fazer relações que sejam significativas para sua formação.

Partindo do pressuposto de que não há um só caminho para chegar a esse objetivo, pois toda situação pedagógica depende de uma série de fatores que variam desde a instituição até o horário em que a aula é ministrada, gostaria de exemplificar de forma muito sucinta como tal integração pode ser propiciada.

Escolho Octavio Paz, inspiração inesgotável. O poeta e tradutor mexicano, em seu famoso ensaio "Literatura y Literalidad" (1971), declara a tradução irmão gêmea da criação e reflete sobre a natureza dos signos, sobre a intertextualidade inerente à linguagem, sobre a comunicação como fenômeno tradutório. Este texto, curto e de grande densidade, semeia uma série de princípios norteadores para a prática tradutória. Ao afirmar que cada tradução é original por ser diferente de qualquer outro texto, Paz relativiza a supremacia do texto de partida como texto "original", conferindo a este também o estatuto de tradução ("todo texto é único e simultaneamente tradução de outro texto"). Todo texto é cópia, é intertexto, é tradução; todo texto, graças a sua diferença, é único e, e nesse sentido, original.

A questão que se coloca é: como auxiliar o estudante a conscientizar-se sobre os processos de produção textual, dos quais nos fala Octavio Paz? Digamos que em uma aula de Prática de Tradução a tarefa seja traduzir para o português o texto de economia "Demand and Supply", extraído de um *site* especializado na área de negócios (www.investopedia.com/university/economic). A simples localização do texto na configuração do *site* permite visualizar o fenômeno da intertextualidade: as informações ao redor do texto o conectam a uma rede ampla de outros textos e o situam em um extenso quadro de inter-relações; os vários *links* remetem a outros documentos mais, ou menos, abrangentes, mais técnicos ou mais gerais, a glossários, a informativos e a textos com temas afins. O mero acesso a termos que chamam outros pode ser fonte de reflexão: se todos os textos resultam da articulação de conceitos que se comunicam entre si, como se pode conceber a *originalidade* de um texto? Quem é dono de uma idéia, quem pode ter domínio sobre a língua se ela pertence a todos, e mesmo nos antecede? Como traduzir senão retecendo palavras que se mesclam aos fios desses universos de relações?

Uma rápida consulta no Google traz cerca de 1.120.000 resultados para "demand and supply", 182.000 páginas em português para "oferta e demanda" e 95.500 para "oferta e procura"; esses dados comprovam que muito se pensa e escreve sobre o assunto, e que, ao mesmo tempo em que seguramente haverá uma boa quantidade de informações semelhantes nesses *sites* em uma dada língua e em línguas diferentes, cada texto tem peculiaridades que o distingue dos demais, tornando-o único. Como afirma Paz, todos os textos são simultaneamente únicos e repetições de outros, já que trazem elementos da subjetividade de um autor, tendo em vista o grupo e a cultura aos quais ele pertence. Disponibilizado em formato eletrônico para milhares de leitores de diversas culturas, os textos ganham novas dimensões e repercussões às vezes imprevistas. Da mesma forma, cada tradução será mais um texto a dialogar com tantos outros já existentes, acrescentando ao cenário de ofertas e demandas seu componente particular, sua própria dicção, assim ampliando fronteiras e matizando de tonalidades híbridas as híbridas cores do texto de partida.

Nesse ensaio, O. Paz prossegue com uma afirmação ainda hoje polêmica para um bom número de pessoas direta ou indiretamente ligadas à tradução: a tradução literal, afirma ele, é apenas um dispositivo para entender um texto, mas não chega a ser uma tradução, pois traduzir implica transformar o original (1981, p. 10). A dificuldade de aceitar que de fato há uma transformação, isto é, uma apropriação por meio da ação interpretativa de um tradutor, ancora-se na insistência em presumir a tradução como inferior ao texto de partida e, portanto, destituída de criatividade e força. Nesse sentido, "Literatura y Literalidad", fruto do estudo de um tradutor literário sobre sua prática, pode ser lido como uma obra que propõe a revisão do lugar ideológico atribuído à tradução pelo pensamento tradicional ou convencional.

É notável que 45 anos após a publicação desse artigo, as idéias do poeta mexicano sejam tão atuais quando se reflete sobre elaboração de qualquer tradução. Além disso, suas considerações encontram pontos de contato, ecoando ou precedendo muitas das reflexões que nutrem, por exemplo: a obra Jorge Luis Borges, em particular sua ênfase no pressuposto de que todo texto é uma tradução e, em alguma medida, uma repetição que não repete (1957, tradução de Fornari, 1986, p. 72); a vertente desconstrutivista representada no Brasil por Rosemary Arrojo, especialmente quanto ao conceito de tradução como interpretação, transformação e diferença, como produto da história pessoal e coletiva (1986, 1992, 1993); o pensamento de Lawrence Venuti no tocante à intervenção do tradutor e a sua visibilidade (1995, p. 273-306); a *Skopostheorie*, cujo foco é o leitor da tradução, postulada por Reiss e Vermeer (1984); a concepção de recriação e transcrição de Haroldo de Campos (1970, p.21-38). Seria necessário dedicar muitas páginas para poder explorar a riqueza de intersecções que se pode estabelecer com o estudo de Paz.

Voltando ao exemplo dado acima, creio que a tradução de um parágrafo do texto “Demand and Supply” poderia ser suficiente para ilustrar o argumento de que a tradução literal “não chega a ser uma tradução”. Para isso, pode-se utilizar um recurso disponível a qualquer usuário da Internet: a tradução automática fornecida pelo próprio mecanismo de busca.

A lei de demanda

A lei de demanda indica que, se todos fatores restantes remanescerem iguais, mais elevado o preço de um bom, menos os povos exigirá aquele bom. Ou seja mais elevado o preço, mais baixa a quantidade exigida. A quantidade de um bom que a compra dos compradores em um preço mais elevado seja menos porque porque o preço de um bom vai acima, faz assim o custo de oportunidade de comprar isso bom.

(www.investopedia.com/university/economics/economics3.asp).

Desnecessário fornecer o texto em inglês para observar a precariedade dessa tradução ou desse texto; a noção de literalidade presumida pelo mecanismo automático pode conduzir a constatações bastante produtivas. Pode-se solicitar aos alunos, por exemplo, que (re)traduzam o texto traduzido por computador para que observem que alterações são necessárias para que o texto se “humanize”. O futuro tradutor será incitado a refletir sobre o conceito de sinonímia e de produção de sentido, sobre a relação entre língua, cultura, sociedade e história (as Torres Gêmeas antes e depois de 2001 têm o “mesmo” significado?). A tradução automática evidencia um fenômeno comum a toda forma de linguagem: as palavras só adquirem sentido no contexto da comunicação; isoladamente, são armas sem munição, sons que fascinam ou assustam e cujos ecos só fazem reiterar a instabilidade, a polissemia e a ambigüidade das línguas.

Esse exemplo simples de tradução automática demonstra também que traduzir não se limita a correspondências lingüísticas (*good* = bom) e coloca uma questão importante: a tradução automática é tradução? Em que termos? Ela é apenas um dispositivo para entender um texto? O texto fornecido como tradução pela Internet tem “vida autônoma”, no sentido de ser reconhecido como intertexto pelos leitores de textos de economia em português? Em que sentido traduzir implica transformar? Para os leitores que nada entendem da língua de partida, ele constitui uma tradução? Indagações dessa natureza podem ser retomadas em outros contextos, que servirão de contraponto para rever ou manter posições.

Como afirma Paz (1981, p. 9) e conforme pode ser observado no exercício proposto acima, o mundo é uma coleção de heterogeneidades, uma sobreposição de textos, cada um ligeiramente diferente do anterior: traduções de traduções de traduções. Com a Internet, hoje podemos facilmente apreender um fenômeno que tem muito a dizer aos tradutores: os textos, as imagens, os sons, constroem uma rede sem fronteiras, perfazendo um movimento incessante de (re)produções e mudanças, no espaço entre o estar e o tornar-se.

Questões teóricas dessa natureza serão trazidas à aula de Prática Tradução e poderão ser retomadas e aprofundadas nas aulas de Teoria da Tradução (note-se que o caminho inverso é perfeitamente viável: a Teoria da Tradução pode valer-se dos mesmos exercícios para fomentar uma discussão com base na leitura de texto ou antes dela) e nas demais disciplinas teóricas ou teórico-práticas do curso de graduação.

Em “Literatura y Literalidad” Octavio Paz, ao considerar que tanto o texto original quanto a tradução pertencem antes de tudo à linguagem (1981, p. 9), questiona a prioridade do texto original e a inferioridade da tradução. Uma maneira de estimular a consciência para o fato de que o conceito de “original” é arbitrário e convencional, para citar outro exemplo, é trazer para a sala de aula um texto de partida com sua tradução publicada para que os alunos façam uma crítica sobre as estratégias tradutórias adotadas. Entretanto, os textos estarão invertidos: a tradução será entregue como texto de partida e o “original” como sua tradução. É curioso como o cotejo revelará valores e atitudes em relação à tradução. Os estudantes possivelmente falarão em fidelidade e adaptação, ou em superioridade e autoridade do texto tido como “original”; correções

gramaticais serão feitas à “tradução” e poderá haver comentários indignados sobre as escolhas do “tradutor”, alguns seguidos de “retraduções” mais adequadas que resgatem o verdadeiro sentido do “original”; haverá, ainda, quem manifeste preferência pela qualidade ou estilo do “original”. Ao serem informados da troca de posição entre os textos, os estudantes ficariam surpresos com suas observações. Uma discussão rica pode seguir-se com base na comparação feita, visando à conscientização sobre a assimetria de poder -- gerada e fomentada por determinadas visões sobre linguagem e tradução -- entre os dois tipos de produção textual.

5. Teorias e mercado de trabalho

Vejam agora algumas possíveis contribuições da reflexão teórica sobre linguagem, leitura e tradução para o processo de elaboração de traduções fora do ambiente universitário. Meu argumento é que o conhecimento teórico-prático estimulado pelo curso de Graduação é, em grande parte, integrado ao trabalho profissional realizado pelo tradutor, tanto no período do estágio, quanto ao longo de sua vida profissional.

A fim de oferecer uma visão geral das repercussões da formação universitária em tradução para a atuação posterior do estudante como tradutor, apresento abaixo alguns pontos significativos, todos eles inter-relacionados, que acredito estarem sendo cada vez mais incorporados à prática. Diante da abrangência que aqui pretendo, as linhas e os teóricos que se relacionam a cada um dos pontos não serão mencionados³.

- A consciência de que a língua está sujeita e condicionada à cultura que a produz, ao mesmo tempo em que atua nos padrões culturais, podendo modificá-los. Tal constatação não é nova e tem sido amplamente abordada por antropólogos, filósofos, pensadores de campos diversos; porém, só nas últimas décadas, esse conceito foi de fato integrado aos estudos da tradução. Essa noção é de importância vital, pois permite que a tradução deixe de ser concebida como um fenômeno apenas lingüístico, mas fundamentalmente como comunicação entre culturas, sociedades, ideologias. Dessa consciência decorrem outros avanços positivos para a forma de conceber a tradução.
- Todo texto está inserido no conjunto das representações simbólicas de um dado grupo social. Está indissociavelmente atado a esse conjunto. Assim sendo, o texto é um fragmento vivo de uma cultura e traduzi-lo significa recontextualizá-lo em outro universo cultural. Portanto, não faz sentido traduzir palavras ou frases isoladas; ao contrário, a unidade de trabalho do tradutor é o texto em suas conexões e intertextualidade, em sua coerência com outros textos e sistemas de representação.
- Para traduzir ou recontextualizar um texto produzido em uma língua A é preciso transformá-lo em ato comunicativo que seja coerente na cultura da língua B, para seu público-leitor. A consciência de que tradução é comunicação confere ao leitor da tradução um grau elevado de importância como parâmetro e critério a ser claramente entendido e atendido para que o texto alcance sua finalidade.
- O discernimento do público e da finalidade de um texto amplia a consciência de que há diferentes gêneros discursivos, registros de formalidade e recursos de linguagem, que requerem estratégias de tradução adequadas às possibilidades e restrições da cultura de chegada. A teoria da tradução tem oferecido valiosos *insights* sobre as diferenças e semelhanças entre procedimentos, princípios e concepções de tradução entre culturas.
- Desestabiliza-se, assim, a noção de tradução literal, ao pé da letra. Se o texto é parte de um organismo vivo muito maior, como sequer pensar a possibilidade de traduzir ao “pé da letra” (qual letra)? Com essa percepção, o tradutor tem mais autonomia para explorar as possibilidades da língua e assumir sua função de criar, sem acreditar ou aceitar que seu papel é retransmitir significados fixos, acabados, destituídos de plasticidade de forma e sentido.
- As teorias sobre leitura e produção de sentidos que foram incorporadas pela reflexão teórica sobre tradução contribuíram em grande parte para a consciência de que traduzir é interpretar e de que não há

³ Cada um dos pontos listados é confluência da reflexão de vários teóricos. Minha intenção aqui é oferecer para o leitor uma visão geral das contribuições teóricas que acredito que têm, em maior ou menor grau, influenciado a prática profissional. Uma aproximação entre teóricos correria o risco de ser imprecisa demais, caso não se destacassem também as especificidades e o lugar histórico que gerou o pensamento desses teóricos.

uma única tradução correta para uma palavra ou expressão válida para todos os contextos, pois estes requerem que a língua se flexibilize para dar conta de seus propósitos e especificidades.

- Como intérprete, o tradutor assume seu papel crítico e criativo ao reescrever um texto em outro idioma. Ele se sente autorizado para modificar, adequar e contextualizar a partir de sua cultura e de sua própria voz. Ou seja, ele se sabe sujeito. Ele entende que suas escolhas lexicais, sintáticas ou de estilo dependem tanto das convenções lingüístico-culturais da língua da tradução quanto de sua forma pessoal de usar a língua. Afinal, o tradutor não é uma entidade invisível, sem espessura, sem sombra. Ele tem peso e altura, preferências, limites e potencialidades. Ele é humano.
- A “humanidade” do tradutor permite que ele tenha consciência de que não se pode saber tudo de uma língua, de uma cultura ou de uma área e que é fundamental ser bom pesquisador, atualizar-se e manter uma rede de contatos e informantes.
- A teoria tem contribuído muito para a percepção de que a tradução entre línguas é uma prática comunicativa que se rege por princípios semelhantes a outros atos de re-expressão. Como todos os atos comunicativos, a tradução implica perdas, alterações, omissões, acréscimos, explicações e ... equívocos. A ambigüidade, a indeterminação, as inúmeras possibilidades de expressão e a necessidade de escolher uma delas para veicular uma idéia são próprios da linguagem e não exclusivos à tradução. Como consequência, não há razão para esperar que a tradução entre idiomas seja “perfeita” ou “total” e que sobre ela não atuem os princípios de toda reexpressão sígnica. Traduzir é lidar com incertezas e com a responsabilidade da constante tomada de decisões, principalmente no trabalho em equipe. Hoje, a tendência é o trabalho conjunto e, nas aulas de graduação, os estudantes têm oportunidade para preparar-se para essa experiência.
- Enfim, o trabalho de reflexão de teóricos da linguagem, do discurso, da tradução têm contribuído para uma visão mais informada sobre língua, cultura e tradução, colaborando inclusive para a área de ensino-aprendizagem da tradução. Estudiosos do ramo aplicado dos Estudos da Tradução colaboram com reflexões cruciais para o esclarecimento do perfil do tradutor, dentre elas: que habilidades, capacidades, conhecimentos, estratégias, instrumentos, competências interessa focalizar na formação de tradutores?

Obviamente, os pontos apresentados acima não esgotam as muitas contribuições da produção teórica, mas fornecem subsídios para a percepção do que é traduzir e produzir linguagem. Muitas vezes, no ambiente acadêmico, atribui-se muito poder às teorias, considerando-as como “palavras de sabedoria”, às quais se deve respeito e reverência. Não se pode, contudo, perder de vista que a teoria também se situa na perspectiva histórica, ideológica e humana: ela se transforma, é influenciada por movimentos sociais e intelectuais, é falível. Nenhuma teoria é abrangente a ponto de cobrir toda uma área; o que há são enfoques teóricos que se somam, se contradizem, provocam novos paradigmas. Teorias não são definitivas. É preciso conhecê-las para analisar seus argumentos e avaliar erros e acertos e os tradutores, familiarizados que estão com os aspectos práticos da tradução, são fontes imprescindíveis para esse exame e questionamento. Sem críticas, as teorias tornam-se desvitalizadas e circunscritas ao papel ou a grupos fechados de letrados e acadêmicos.

6. Para concluir

A reflexão desenvolvida neste artigo procurou destacar a importância da leitura e da discussão de textos teóricos na formação de tradutores. Tendo em vista que a Universidade reúne pesquisadores e docentes, ela funda um ambiente propício para a interação entre as teorias e as diversas modalidades de tradução. Como educador, o professor de tradução deve buscar formas criativas e inovadoras de promover essa interação por meio da tradução de materiais como depoimentos, quadrinhos, textos técnicos, documentários, filmes, publicações (impressas, *online*), canções, contos, poemas, etc, visando entrelaçá-los às teorias: citações, textos, capítulos, polêmicas entre tradutores, críticas, entrevistas, livros. São vários os meios que podem levar ao questionamento da aparente contradição entre prática tradutória e teorias da tradução.

O docente responsável pela capacitação de tradutores desempenha um papel preponderante – que lhe é outorgado pela sociedade -- na formação intelectual daqueles que atuarão nos diversos segmentos do mercado da tradução. Assim, a necessária aliança entre pensar e fazer partirá da ação pedagógica, pelo

exercício da reflexão e da crítica sobre o processo e o produto da tradução, com a meta de posteriormente influenciar os padrões e as formas de exercer a profissão.

7. Referências bibliográficas

ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução*. 1 ed. São Paulo: Ed. Ática, 1986.

ARROJO, Rosemary. *Tradução, desconstrução e psicanálise*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1993.

ARROJO, Rosemary. *O signo desconstruído*. 1 ed. Campinas: Pontes, 1992.

BENEDETTI, Ivone; SOBRAL, Adail (Orgs) *Conversas com tradutores*. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2003.

BORGES, Jorge Luis. *Discussão*. 1 ed. (tradução de Cláudio Fornari). São Paulo: Difel, 1986.

CAMPOS, Haroldo. *Metalinguagem*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

CHAMBERLAIN, Lori. Gênero e a metáfora da tradução. In: *Tradução - a prática da diferença*. (tradução de Norma Viscardi). Campinas: Unicamp, 1998. p 33-54.

HURTADO-ALBIR, Amparo. *Traducción y Tradutología*. 1 ed. Madrid: Cátedra, 2001.

PAZ, Octavio. *Traducción: Literatura y Literalidad*. 2 ed. Barcelona: Tusquets, 1981.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans. *Grundlegung einer allgemeinen Translationstheorie*. 1 ed. Tübingen: Niemeyer, 1984.

VENUTI, Lawrence. Chapter 6, Simpatico. In: *The Translator's Invisibility*. 1 ed. London: Routledge, 1995. p. 273-306.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Didier, 1958.

www.investopedia.com/university/economics/economics3.asp. Google. Acesso em 16/10/2006.